

## **ENSAIO SOBRE O CRISTIANISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS LIVROS QUE DIFERENCIAM A BÍBLIA CATÓLICA DA BÍBLIA PROTESTANTE**

Adriano dos Santos **PEREIRA**<sup>1</sup>; Vlader Nobre **LEITE**<sup>2</sup>; Roberto Remígio **FLORÊNCIO**<sup>3\*</sup>

<sup>1</sup>Professor Educação Básica; Graduado em Letras (UPE).

<sup>2</sup>Universidade de Pernambuco (UPE); Mestre em Letras (UFPB), Graduado em Letras (UFPB) e em Direito (IPE).

<sup>3</sup>Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE); Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB). Doutorando em Educação (FACED/UFBA). \*Autor correspondente. E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

Recebido: 07.12.2020 Aceito: 03.02.2021

<https://doi.org/10.29327/ouricuri.10.2-7>

**Resumo:** Esse estudo busca esclarecer, através da análise dos textos canônicos do Cristianismo, as razões pelas quais os livros Deuterocanônicos, que fazem parte da bíblia adotada pela Igreja Católica, foram rejeitados pelas denominações protestantes. De caráter bibliográfico, a pesquisa apresenta motivações políticas e sociais, além dos conceitos religiosos, que levaram à edição e interpretação do livro sagrado para a religião cristã com fortes divergências doutrinárias. Os resultados apontam para o fato de católicos e protestantes pregarem um modo de vida semelhante, baseado nos preceitos socioculturais do contexto histórico, além da busca pelo mesmo objetivo: alcançar a vida eterna por meio de Deus, busca essa totalmente regida pela Bíblia Sagrada. Ao final, conclui-se que os livros retirados dão conta das intenções de cada contexto histórico e político, alicerçado pelas crenças e preceitos das diferentes denominações religiosas do mesmo Cristianismo durante os séculos.

**Palavras-chave:** Religião e Sociedade; Livros Canônicos; Catolicismo; Protestantismo.

---

### **ESSAY ON CHRISTIANITY: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW ON BOOKS THAT DIFFERENTIATE THE CATHOLIC BIBLE FROM THE PROTESTANT BIBLE**

**Abstract:** This study seeks to clarify, through the analysis of the canonical texts of Christianity, the reasons why the Deuterocanonical books, which are part of the Bible adopted by the Catholic Church, were rejected by Protestant denominations. Bibliographic in character, the research presents political and social motivations, in addition to religious concepts, which led to the edition and interpretation of the sacred book for the Christian religion with strong doctrinal divergences. The results point to the fact that Catholics and Protestants preach a similar way of life, based on the socio-cultural precepts of the historical context, in addition to the search for the same goal: to reach eternal life through God, a search that is totally governed by the Holy Bible. In the end, it is concluded that the books taken account of the intentions of each historical and political context, based on the beliefs and precepts of the different religious denominations of the same Christianity during the centuries.

**Keywords:** Religion and Society; Canonical Books; Catholicism; Protestantism.

---

### **ENSAYO SOBRE EL CRISTIANISMO: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA DE LIBROS QUE DIFERENCIAN LA BIBLIA CATÓLICA DE LA BIBLIA PROTESTANTE**

**Resumen:** Este estudio busca esclarecer, a través del análisis de los textos canónicos del cristianismo, las razones por las cuales los libros deuterocanónicos, que son parte de la Biblia adoptada por la Iglesia Católica, fueron rechazados por las denominaciones protestantes. De carácter bibliográfico, la investigación presenta motivaciones políticas y sociales, además de conceptos religiosos, que llevaron a la edición e interpretación del libro sagrado para la religión cristiana con fuertes divergencias doctrinales. Los resultados apuntan a que católicos y protestantes predicaban una forma de vida similar, basada en los preceptos socioculturales del contexto histórico, además de la búsqueda del mismo objetivo: alcanzar la vida eterna a través de Dios, búsqueda que se rige totalmente por la Santa Biblia. Al final, se concluye que los libros tomaron en cuenta las intenciones de cada contexto histórico y político, en base a las creencias y preceptos de las diferentes denominaciones religiosas de un mismo cristianismo durante los siglos.

**Palabras clave:** Religión y Sociedad; Libros canónicos; Catolicismo; Protestantismo.

---

## INTRODUÇÃO

Ao longo da História, a humanidade vem se transformando e as mudanças ocorridas na forma com que as pessoas agem, pensam e se relacionam com as outras buscam uma maior harmonia entre os indivíduos, proporcionando melhor convivência. Essas mudanças podem ser vistas no comportamento social como um todo, em especial no que podemos chamar de quebra de tabus sociais, na maioria, tradições antigas baseadas na crença em seres místicos que regem o mundo.

Os gregos tomavam as decisões baseando-se na vontade dos seus deuses e, para cada tipo de decisão a tomar, havia um deus específico para orientá-los. Os egípcios acreditavam nos astros e na própria natureza como se fossem deuses que os governavam. Com os povos formados recentemente, seguidores de crenças como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, não é diferente. As três principais religiões monoteístas, seguidas por grande parte da humanidade, exercem influência direta no comportamento das pessoas, inclusive no que diz respeito à organização social. Suas regras milenares atravessaram gerações e são, ainda, muito fortes, no que diz respeito aos padrões socioculturais.

Mas como essas regras tão antigas chegaram à atualidade preservadas? Embora a principal forma de se passar o conhecimento, até o início da era moderna, tenha sido a oralidade, existem escritos deixados pelos povos mais primitivos que são a base para as principais leis obedecidas por todo o mundo, além de trazerem grande conteúdo histórico (Florêncio e Santos, 2020). Esses escritos, em grande parte, foram deixados por pessoas descritas como grandes líderes, dentro de diversas crenças, e por outros antes deles que não são tão conhecidos como líderes, mas que têm grande importância histórica. Cada povo guarda escritos, baseados em determinada crença, que regem seu modo de vida. No caso dos povos que seguem a religião Cristã, predominante no Brasil, esses escritos se reúnem em um principal livro, a Bíblia Sagrada.

Não se sabe, ao certo, quando a Bíblia começou a ser escrita, mas sabe-se que sua maior parte foi escrita antes de Cristo, pelos chamados profetas e por reis, considerados, por seus seguidores, inspirados pelo próprio espírito santo. Por essa razão, os que acreditam no texto bíblico consideram este livro um manual de como viver na terra, usando-o como base para a criação de

muitas leis em diversas partes do mundo. No entanto, esse livro, por muitos considerado sagrado, traz, também, em suas linhas grande parte da história humana, escrita por pessoas consideradas comuns, o que gera muitas dúvidas sobre a veracidade e a intencionalidade do escrito.

Muitos deixaram de acreditar cegamente em tudo o que seus líderes religiosos falam e buscaram saber mais sobre sua própria existência, seja no que diz respeito à história, religião ou filosofia. Existem, ainda, muitas perguntas a respeito de diversos temas que não são mencionados na bíblia ou não traz respostas claras para tantas questões: o que pode ser atribuído à exclusão de grande parte do seu texto durante os séculos.

Os chamados Livros Apócrifos têm gerado polêmica discussão entre líderes, estudiosos e seguidores das principais religiões monoteístas do mundo. É grande a quantidade de livros apócrifos já descobertos por pesquisadores e arqueólogos, que alteram tanto o velho, quanto o novo testamento. Esses escritos dividem a opinião de Teólogos, estudiosos e líderes religiosos. Alguns acreditam que tais livros foram igualmente inspirados pela deidade que levou a bíblia a ser escrita, outros, porém, afirmam que tais textos são uma deturpação das escrituras tidas como sagradas.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

Toda organização, seja social, familiar ou religiosa, tem seu conjunto de regras. No caso da religião, essas regras estão dispostas nas escrituras que cada manifestação considera sacra para si. Podemos citar como exemplos principais, o Alcorão, a Torá e a Bíblia Sagrada. Esses três livros regem as maiores religiões monoteístas da humanidade e acabaram se tornando base para as principais leis e regras de comportamento, sobretudo, na sociedade ocidental.

Segundo os teóricos presentes neste estudo, a Bíblia foi escrita há aproximadamente 1600 anos, inicialmente em Hebraico. Após o período de escravidão, uma parte do antigo testamento foi escrita em Aramaico e, mais tarde, um único livro do antigo e todo o novo testamento foram escritos em Grego. Em razão do tempo das diferentes línguas, que trazem em si uma carga ideológica discursiva, podemos afirmar que é, praticamente, impossível que o texto bíblico tenha um único discurso, imparcial e livre da ideologia de cada povo e época.

Pode-se afirmar que as opiniões expressadas a respeito do texto contido na bíblia, tal qual o texto em si, também são carregadas de ideologia, o que pode ser fator determinante para a sua edição e publicação em determinadas doutrinas. Para os cristãos, os manuscritos originais (autógrafos), manuscritos que deram origem à Bíblia, foram escritos por homens inspirados pelo Espírito Santo, que é, para eles, a pessoa de Deus agindo no homem. No entanto, nem todos os escritores dos textos originais foram considerados inspirados por esse espírito e acabaram tendo seus escritos rejeitados do conjunto bíblico. Esses escritos são chamados de Apócrifos e são considerados, sobretudo pelo cristianismo, inverdades a respeito da deidade cristã e de seu suposto

filho Jesus. Com a dúvida a respeito de sua inspiração, os autógrafos foram divididos em duas partes: canônicos e apócrifos.

O termo Cânone vem do grego *kanón* e, originalmente, era utilizado para dar nome a uma espécie de régua antiga. Mais tarde o termo passou a significar regra ou padrão. No contexto religioso, cânone é o conjunto de livros da bíblia que foram considerados inspirados divinamente. O termo Apócrifo, também, vem do grego *apokryphos* e significa “secreto”, “oculto” (Florêncio e Santos, 2020). Logo, os livros e evangelhos apócrifos são os escritos secretos a respeito de Deus, da criação e de Jesus. Logo, os livros canônicos são os que compõem o texto bíblico, já os apócrifos são os escritos rejeitados, por não serem considerados inspirados por Deus pelos líderes cristãos e, portanto, não foram incluídos no texto bíblico, por eles considerado santo. Muitos desses livros foram escritos muito antes do início do Cristianismo e, embora não aceitos no cânone, têm direta relação com a bíblia. Podemos citar como exemplos os livros de Enoque e Melquisedeque, que, embora ambos sejam mencionados na bíblia, inclusive no novo testamento, não são considerados canônicos. O livro de Enoque é citado no Novo Testamento por Judas.

E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos; Para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade, que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele (Jd 1:14,15).

A profecia citada por Judas está escrita no livro apócrifo de Enoque, no primeiro capítulo, trecho em que Enoque fala da justiça de Deus, separando os eleitos dos ímpios. Melquisedeque é mencionado no livro de Gênesis como “Sacerdote do Deus Altíssimo”: “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo” (Gen. 14:18)”. O que se pode ver é que, tanto Enoque como Melquisedeque, são personagens importantes na bíblia, mas, ainda assim, os livros atribuídos a ambos são rejeitados no cânone bíblico.

A existência desses livros “ocultos” tem motivado muitos estudos a respeito da história do cristianismo. Os Evangelhos Apócrifos, escritos após o início do Cristianismo, por exemplo, têm sido base para muitos estudos recentes a respeito de Jesus, já que a bíblia não traz relatos de sua vida dos treze aos trinta e um anos. De acordo com Lopes (2012, p.13), “esses evangelhos são geralmente classificados em narrativas da infância de Jesus, narrativas da vida e da paixão de Jesus, coleção de ditos de Jesus e diálogos de Jesus”. Muitas foram as razões para que os evangelhos apócrifos tenham sido escritos, de acordo com Farkasfalvy:

As motivações para a produção destas novas obras foram muitas e em número crescente: devoção, satisfação da curiosidade, apoio para necessidades doutrinárias, inovações, novas tendências, a influência de vários grupos eclesiais, alguns dos quais dentro da corrente principal do cristianismo, outros se apartando e se isolando. Disputas doutrinárias, comunidades que se dividiam e práticas aberrantes demandavam a produção adicional de mais “escrituras sagradas”. (Farkasfalvy, 2010: 50).

O que não está claro, a respeito dos livros que não foram incluídos na Bíblia, são as razões pelas quais tais escritos são considerados não inspirados pelo espírito. Ora, se a própria Bíblia faz referência a Enoque e Melquisedeque e ainda tem em seu conjunto de livros a epístola de Tiago e o Apocalipse de João, por exemplo, por qual motivo outros livros escritos por esses mesmos apóstolos e profetas teriam sido rejeitados em eventos como a Vulgata e o Concílio de Trento? O fato é que a Bíblia Sagrada é, também, um livro de história e literatura, trazendo fatos e costumes que não se agregam às tradições cristãs e tornando a Bíblia contraditória em suas próprias doutrinas. Um exemplo dessa contradição pode ser visto no Antigo Testamento, no livro de Deuteronômio, livro em que Deus ordena que Israel arrase cidades inteiras:

Quando o SENHOR teu Deus te houver introduzido na terra, à qual vais para a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti, os heteus, e os gergaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os perizeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; E o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas (Dt 7:1,2).

O trecho contradiz uma das principais passagens bíblicas do Antigo Testamento, “Os Dez Mandamentos”. No capítulo 20 do livro de Êxodo estão, as principais normas seguidas pela humanidade até hoje. Mas se em Êxodo, Deus ordena a Israel que não mate e que não deseje nada do que pertence a outra pessoa, como pode em Deuteronômio, ordenar que Israel invada, saqueie e mate povos inteiros?

Se considerarmos a Bíblia um livro de história, não levando em consideração apenas seu lado místico, entenderemos que eventos como a queda da Babilônia não foram ordenados por um ser divino, mas apenas coincidiram com textos considerados proféticos. Encontramos relatos do fim da Babilônia em materiais de história que nada tem a ver com a religião. Logo, considerar que a Bíblia é um livro trazido por seres de outro plano é negar a existência histórica de muitos dos seus personagens, como Hamurabi, rei babilônico que escreveu o primeiro código de leis da humanidade, código que se assemelha com as normas do livro de Êxodo, tornando possível considerar que Moisés conhecia o código de Hamurabi e pode ter se baseado nele para criar as leis de Israel.

No Novo Testamento, textos a respeito da vida de Jesus, que o mostravam diferente daquele Jesus amoroso e manso, podem também ser motivos para a rejeição de alguns apócrifos. Um exemplo é o Evangelho de Tomé, o Israelita, que traz uma passagem em que Jesus amaldiçoa um jovem que esbarra nele enquanto caminha. “Irritado, Jesus lhe disse: Não prosseguirás o teu caminho!” Imediatamente o rapaz caiu morto (Ev. Ap. Tm.; 04; 01.). Parte desses evangelhos humanizam Jesus e o mostram como um homem normal, enfraquecendo o principal discurso do cristianismo, no qual Jesus é o filho de Deus e soberano sobre a terra. Para o cristianismo, apenas os apóstolos de Jesus receberam as revelações a respeito dele, o que invalida qualquer escrito que não tenha sido produzido por esses apóstolos ou por pessoas ligadas a eles. No entanto, há

evangelhos que são atribuídos a pessoas ligadas aos apóstolos e ao próprio Jesus que não são reconhecidos como genuínos. Um exemplo é o evangelho de Maria, no qual ela relata diálogos que teve com o “Salvador” em visões. Esse evangelho também permite a interpretação de que Maria tinha uma relação íntima com Jesus e que os apóstolos a tinham como alguém de importante posição. Pedro, por exemplo, afirma que Jesus “a amou mais do que a outras mulheres”, o que pode conotar uma relação entre os dois. Pedro disse a Maria: "Irmã, sabemos que o Salvador te amava mais do que qualquer outra mulher. Conta-nos às palavras do Salvador, as de que te lembras, aquelas que só tu sabes e nós nem ouvimos" (Fragmento do Evangelho de Maria).

Afirmações como a de Pedro reforçam a ideia de um Jesus humano, que teve uma esposa e uma vida como a de qualquer outro homem, e a ideia da humanização de Jesus enfraquece o discurso cristão de ser a religião instituída pelo próprio Deus, através de seu filho. O Jesus humano pode ser um exemplo de alguém independente, que busca sozinho seu contato com Deus, sem a necessidade de uma mediação. Essa imagem diminui a força do Cristianismo e de seus sacerdotes como mediadores do acesso a Deus. Se todos começarem a se sentir independentes, os líderes e sacerdotes perdem a função e a necessidade de existir. O discurso ideológico do Cristianismo não sobrevive diante dessa imagem de Jesus, pois o que se prega é a necessidade da mediação.

Ao analisar o contexto da nossa sociedade, vemos que não é qualquer pessoa que pode ministrar um culto [...] somente o líder religioso (pastor/padre) possui essa “autoridade”, [...] Deus é o sujeito central do discurso religioso cristão, o pastor ou o padre são os responsáveis pela transmissão do discurso de Deus, e o povo ou fiel é apenas um receptor. (Silva e Costa, 2011, p.132, 133.).

Sendo assim, os textos apócrifos que humanizam Jesus não poderiam ser aceitos no cânone bíblico, pois enfraqueceriam sua divindade, diminuindo a fé e o temor em sua pessoa e suas palavras.

## **1.1 Os apócrifos e o cristianismo**

Muitas pessoas buscam saber mais sobre Jesus, seja por simples curiosidade ou pela busca de entender melhor sua existência. No entanto, essa busca gera questionamentos que não são respondidos totalmente pelo texto bíblico e, por essa razão, tais pessoas buscam preencher as lacunas do texto bíblico com os escritos apócrifos. Outro motivo, pelo qual os apócrifos são buscados e estudados, é a falta de clareza em muitas doutrinas cristãs, como por exemplo a fundamentação dos rituais, por que em algumas denominações o homem não pode ter cabelos longos, enquanto outras o permitem, onde nasceram as tradições adotadas por cada denominação, como a forma de vestir das mulheres e suas funções na liturgia, quem criou a liturgia católica e muitas outras questões que tornam difícil a compreensão dessas doutrinas e acabam incentivando a busca de mais informações a respeito de Jesus e causando modificações no cristianismo, algo que não começou a ocorrer agora, mas que já existia no período em que os apócrifos foram escritos.

É preciso dizer que existem vários destes evangelhos apócrifos que foram compostos por autores cristãos desconhecidos, não gnósticos, e que aparentam refletir um tipo de cristianismo popular marginal. A maior parte deles pretende suprir a falta de informação histórica nos evangelhos canônicos, fornecendo detalhes sobre a infância de Jesus, diálogos dele com os apóstolos, informações sobre Maria e demais personagens que aparecem nos evangelhos tradicionais (Lopes, 2012).

Lopes afirma ainda que alguns desses evangelhos aparentam ter sido escritos “para defender doutrinas não apostólicas que estavam começando a ganhar corpo dentro do cristianismo”. Talvez, por esse motivo a Igreja Católica reafirmou, no Concílio de Trento, o não reconhecimento desses evangelhos, já ocorrido na Vulgata de 400.

Seguindo o exemplo dos Padres católicos, recebe e venera com igual afeto de piedade e reverência, todos os livros do Velho e do Novo Testamento, pois Deus é o único autor de ambos assim como as mencionadas traduções pertencentes à fé e aos costumes, como as que foram ditadas verbalmente por Jesus Cristo ou pelo Espírito Santo, e conservadas perpetuamente sem interrupção pela Igreja Católica.

Resolveu também unir a este decreto o índice dos Livros Canônicos, para que ninguém possa duvidar quais são aqueles que são reconhecidos por este Sagrado Concílio. São então os seguintes: [...] Do Novo Testamento: os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João, os Atos dos Apóstolos escritos por São Lucas Evangelista, catorze epístolas escritas por São Paulo Apóstolo: aos Romanos, duas aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, duas aos Tessalonicenses, duas a Timóteo, a Tito, a Filemon, aos Hebreus. Duas de São Pedro Apóstolo, três de São João Apóstolo, uma de São Tiago Apóstolo, uma de São Judas Apóstolo, e o Apocalipse do Apóstolo São João.

Se alguém então não reconhecer como sagrados e canônicos estes livros inteiros, com todas as suas partes, como é de costume desde antigamente na Igreja católica, e se acham na antiga versão latina chamada Vulgata, e os depreciar de pleno conhecimento, e com deliberada vontade as mencionadas traduções, seja excomungado. (Concílio de Trento, 1546).

No entanto, em 1517, a Reforma Protestante, liderada por Lutero na Alemanha e Calvino na França, tornou popular uma variação da bíblia que tem sessenta e seis livros, sete a menos que a bíblia adotada pela igreja católica. O que nem todo cristão sabe é que essa variação da bíblia não foi criada por Lutero, mas foi adotada pelos judeus, por volta de 100 d.C. Essa diferença de aceitação das variações da bíblia reforçou a divisão no cristianismo, após a Reforma Protestante.

Com base nessa divisão, pode-se afirmar que sentimentos de nacionalismo, por parte dos judeus, e diferentes ideologias acabam por ser critério para definir se determinados livros da bíblia são apócrifos ou canônicos. Para o cristianismo protestante, os sete livros de Judite, Tobias, Baruc, Sabedoria, Eclesiástico I Macabeus e II Macabeus, aceitos na bíblia católica, são considerados apócrifos, já para os católicos, tais livros são tão inspirados quanto o restante da bíblia. Cada vertente tenta impor seu pensamento ideológico àqueles a quem dominam, pois, como afirma Silva (2006), a ideologia tornou-se forma de afirmar a dominação de um grupo.

## 2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para entender os argumentos dos dois lados da discussão, é necessária uma análise do conteúdo de cada livro em questão, buscando relacionar esse conteúdo com o texto bíblico canônico e confrontar com as opiniões de católicos e protestantes. Um ponto interessante a destacar, antes de iniciar a análise dos livros Deuterocanônicos, é o de que a Bíblia que chegou aos cristãos, inicialmente, foi a Septuaginta (LXX), versão da bíblia hebraica traduzida para o grego em Alexandria, duzentos anos antes de cristo. Essa versão da bíblia contém os sete livros Deuterocanônicos, além de outros sete, que foram rejeitados pelos judeus, quando a bíblia hebraica foi definida, cerca de noventa anos depois de cristo. Pode-se compreender que a rejeição dos livros Deuterocanônicos pelo protestantismo deu-se por questões ideológicas. Talvez a vontade de se desvincular da igreja católica tenha sido motivo para que Lutero tenha adotado a versão posterior da bíblia, alegando que a igreja católica adota práticas e rituais contidos em livros não inspirados por Deus, como por exemplo rezar pelos mortos ou pedir a intercessão dos santos.

Os livros Deuterocanônicos trazem em seu conteúdo histórias, provérbios e orientações, semelhantemente aos outros livros do velho testamento.

### 2.1 O livro de Judite

O Livro de Judite não tem autoria conhecida e acredita-se que foi escrito no período helenístico, no idioma grego. O livro conta a história de uma jovem viúva israelita que salvou Israel do exército do rei Nabucodonosor liderado pelo general Holofernes, após seduzi-lo e decapitá-lo. Embora advertido por Aquior para que evitasse o confronto com o povo de Israel, Nabucodonosor ignora a fama do Deus vingativo do povo hebreu e envia suas tropas, que cercam a cidade por trinta dias privando a população de água e enfraquecendo os judeus. A bela e encantadora Judite é, então, enviada para seduzir o general Holofernes. Após seduzir e embriagar o general, Judite corta sua cabeça e a expõe, causando furor entre os judeus que expulsam o exército de Nabucodonosor. Judite representa a coragem diante de momentos de angústia e incentiva a fidelidade a Deus.

Para o protestantismo, o livro de Judite não passa de uma novela elaborada para ilustrar a proteção divina da qual goza o povo judeu. Acredita-se que o texto foi escrito para incentivar o nacionalismo judeu que já era bastante acentuado no período em que foi escrito. Judite, que significa “a judia” foi criada para incentivar a coragem associada à fé na proteção divina, consolando os judeus em momentos difíceis como o levante dos Macabeus. Os protestantes alegam ainda que o livro contém heresias em seu texto como a oração de Judite, na qual ela pede a Deus que lhe dê uma palavra sedutora para seduzir e ferir aquele que atentava contra a aliança de Israel.

Através de minha língua sedutora, fere o servo junto com o chefe e o chefe com seu servo. Quebra a altivez deles pela mão de uma mulher. Tua força não está no número, nem tua autoridade nos guerreiros. Tu és o Deus dos humildes, o socorro dos oprimidos, o protetor dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados. (...) Senhor do céu e da terra,

Criador das águas, Rei de toda a criação. Ouve a minha súplica, e concede-me falar com sedução, para ferir mortalmente os que planejaram uma vingança cruel contra teus fiéis, contra tua morada santa, o monte Sião, e a casa de teus filhos (Jt 9:10-13).

Para o catolicismo, no entanto, o livro é realmente inspirado por Deus e a vitória dos israelitas sobre seus inimigos, através de Judite, é uma prova de que Deus não abandona os seus. Embora os Teólogos católicos assumam que as diferentes traduções do texto tornem difícil de atestar sua autenticidade histórica, devido a erros como Nabucodonosor sendo rei de Nínive, enquanto ele era, na verdade, rei da Babilônia, o livro de Judite é sagrado para o catolicismo e teóricos como Hugh Pope e Rafael Rodrigues afirmam que é inspirado e autêntico.

De acordo com o que podemos chamar crítica “conservadora”, estas aparentes dificuldades cada uma pode ser harmonizada com a visão de que o livro é perfeitamente histórico e trata com fatos efetivamente ocorridos. Assim, os erros geográficos podem ser atribuídos aos tradutores do texto original ou a copistas que viveram muito tempo depois que o livro foi composto e, conseqüentemente, ignoraram os pormenores referidos. Calmet insiste que o Nabuchodonosor bíblico é falado no livro, enquanto em Arphaxad, ele vê Phraortes cujo nome, como Vigoroux (*Les Livres Santos et La Critique Rationaliste*, iv, 4<sup>a</sup> ed.) mostra, poderia facilmente ter sido deturpado (Rodrigues, 2014, p. 214).

A principal razão, pela qual esse livro foi rejeitado pelos judeus, é o fato de não ter sido escrito em hebraico, porém a afirmação de que a história é fictícia ganhou força depois que Lutero adotou a bíblia judaica para o protestantismo.

## **2.2 Tobias**

O livro de Tobias foi escrito por volta do ano 200 a.C., nos idiomas hebraico e aramaico, e conta a saga de Tobias, filho de Tobit, um judeu íntegro e fiel a Deus. Após se esconder com sua família do rei Senaqueribe, devido ter sido denunciado por sepultar os judeus mortos pelo rei, Tobit perde a visão ao ser atingido nos olhos por fezes de um pássaro. Tobit passa a ser sustentado por Ana, sua mulher, e ora a Deus pedindo por sua morte. Sentindo que seu fim se aproximava, Tobit envia seu filho Tobias em uma viagem para buscar uma quantia que havia sido depositada nas mãos de um home chamado Gamael, na cidade de Média.

Paralelamente à história de Tobit, o livro de Tobias conta a história de Sara, uma jovem viúva de sete maridos que era atormentada por um demônio chamado Asmodeu. Sara tinha sido entregue sucessivamente a sete maridos, mas nenhum deles pode consumir o casamento, pois Asmodeu matou cada um deles, ao se aproximar dela. A jovem ainda sofre com as injúrias de uma serva de seu pai, que a acusava de ter matado seus sete maridos. Tal qual Tobit, Sara ora a Deus pedindo pelo fim de sua vida.

O contexto divino do livro se inicia quando o Arcanjo Rafael é enviado em favor de Tobit e Sara. Essa parte do livro pode ser contextualizada com o capítulo 22 do livro de Números, no velho

testamento, que narra o aparecimento de um anjo enviado para impedir que Balaão siga um caminho que desagrade a Deus. Assim como em Números, o anjo desce para orientar Balaão, em Tobias o Arcanjo Rafael é enviado para proteger e conduzir Tobias em sua viagem. O ser divino recebe a missão de curar Tobit e libertar Sara do demônio e fará isso através de Tobias, que é acompanhado pelo anjo em sua viagem à Média. Durante a noite, ao se lavar no Rio Tigre, Tobias é atacado por um peixe. Rafael, então, o orienta a agarrar e matar o peixe, guardando consigo o fel, o coração e o fígado do animal.

Ao chegar em Média, Tobias se hospeda na casa de Sara e casa-se com ela. Rafael o orienta a queimar o coração e o fígado do peixe no quarto de Sara, libertando-a do demônio e consumando o casamento.

Depois de quatorze dias, Tobias retorna para a casa de seu pai e a cura da cegueira com a ajuda de Rafael. Tobias traz consigo muitos bens herdados através de seu casamento com Sara. Tobit pede para que Tobias dê a Rafael metade dos bens como recompensa por sua ajuda. É então que o Arcanjo se revela a Tobit e sua família. Tobit morre com cento e doze anos e Tobias volta para a casa de seus sogros, gozando de paz e prosperidade recebidas por sua fidelidade a Deus e seus mandamentos.

O livro de Tobias é um livro sapiencial e traz muitos ensinamentos, como honrar os pais, ser honesto, ter compaixão para com o próximo e cuidar dos mortos, tradições sustentadas pela Igreja Católica até os dias atuais. É um livro que também tem caráter novelístico e muitos acreditam que se trata de uma história fictícia, devido aos acontecimentos não se enquadrarem no período histórico em que supostamente ocorreram.

Para os protestantes, o livro de Tobias traz ensinamentos arbitrários, como a mediação dos santos e a justificação pelas obras, o que torna inválida a possibilidade de ter sido inspirado por Deus. No entanto, as passagens usadas para fundamentar a crítica do protestantismo trazem semelhanças com outros trechos da Bíblia encontrada nos livros aceitos no cânone protestante. Um exemplo é a alegação de que o livro ensina magia e curandeirismo, no versículo 8 do capítulo 11 de Tobias, passagem em que o Arcanjo Gabriel manda que Tobias unte os olhos de seu pai com o fel do peixe para curá-lo da cegueira. Essa suposta prática de curandeirismo pode ser vista no livro de Isaías, quando o profeta pede que seja feito um emplasto sobre a úlcera de Ezequias, para curá-lo. “Ora, Isaías dissera: Tome-se uma pasta de figos e ponha-se como emplasto sobre a úlcera; e ele recuperará a saúde.” (Is 38:21). Comparando-se a passagem de Isaías com a de Tobias, entende-se que o primeiro apresenta o mesmo ensinamento considerado herético pelo protestantismo, o que seria motivo para a rejeição, também do livro de Isaías, aceito no cânone protestante. Além disso, no livro de Números, Moisés constrói uma serpente de bronze para curar pessoas que haviam sido picadas por serpentes, apenas olhando para a imagem, o que também caracteriza magia, segundo a visão protestante.

E disse o Senhor a Moisés: Faze-te uma serpente ardente, e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo o que, tendo sido picado, olhar para ela. (...) E Moisés fez uma serpente de metal, e pô-la sobre uma haste; e sucedia que, picando alguma serpente a alguém, quando esse olhava para a serpente de metal, vivia (Num 21:8,9).

Para os católicos, a importância do livro está nos ensinamentos que ele traz sobre o amor ao próximo e a fé na providência divina, ensinamentos propagados pelo catolicismo até os dias de hoje. Sua inspiração está descrita no próprio livro, pois, no texto, é o Arcanjo Gabriel que ordena a Tobit e Tobias que escrevam a história que viveram e as maravilhas operadas em suas vidas. Pautrel (2002) defende que o texto edifica aqueles que o leem, porque traz ensinamentos importantes sobre família e caridade.

É uma história edificante, na qual têm lugar notável os deveres para com os mortos e o conselho de dar esmolas. A noção de família é mostrada de forma emotiva e encantadora. Desenvolve uma noção muito elevada do matrimônio. O Anjo Rafael manifesta e ao mesmo tempo esconde a ação de Deus, do qual é instrumento. É essa a providência cotidiana, essa proximidade de um Deus bom e fiel que o livro convida o leitor a conhecer (Pautrel, 2002, Apud Rodrigues, 2012, p. 662).

O livro tem características encontradas no cotidiano das pessoas de bem até a atualidade, como a espera de Tobit e Ana pela volta de Tobias, o Choro de Ana ao se despedir do filho e até mesmo o cão que acompanha Tobias em sua viagem. Essas características fazem com que o leitor se identifique com o texto contido nesse livro.

### **2.3 Baruc**

O livro de Baruc gera dúvidas a respeito de sua autoria, pois alguns estudiosos afirmam que não foi Baruc o autor do livro e sim Jeremias, Profeta do qual Baruc era discípulo. O conteúdo do livro não traz uma narrativa contínua como os anteriores, mas trata da vida religiosa do povo que vivia em Jerusalém, antes da invasão dos Caldeus. O livro é dividido em seis capítulos que se assemelham com outros livros do velho testamento. A primeira parte do livro de Baruc é parecida com o livro de Daniel e traz a confissão dos pecados do povo de Jerusalém, além de uma prece pelo perdão de Deus. A segunda parte, por sua vez, tem semelhanças com uma parte do livro de Jó, trazendo um culto de louvor à sabedoria divina e à lei dada a Moisés. Por fim, a terceira parte do livro apresenta odes ao povo de Israel, clamando por coragem e exaltando a força do povo de Deus.

O sexto capítulo de Baruc gera unanimidade entre os estudiosos que afirmam que esse capítulo não foi escrito por Baruc, mas pode ter sido escrito por Jeremias. As diferenças latentes no modo de escrita e no conteúdo do capítulo fomentam essa afirmação. O capítulo apresenta a chamada de Epístola de Jeremias, enviada pelo profeta aos judeus cativos na Babilônia.

É certo que o sexto capítulo de Baruc é distinto do resto da obra. Além do título especial, “A Epístola de Jeremias”, o estilo e conteúdo prova tratar-se de um escrito independente da Profecia de Baruc. Em alguns manuscritos gregos Baruc não tem a “Epístola”, em outros, entre os melhores, ela está separada do Livro de Baruc e é apresentada imediatamente depois de Lamentações de Jeremias. O fato de o sexto capítulo de Baruc levar o título de “Epístola de Jeremias” tem sido entendido, e ainda é por muitos, o motivo definitivo de que o grande profeta é o autor. É também instigante a vívida e precisa descrição do esplêndido, mas infame, culto aos deuses babilônicos em Baruc, feita pelo escrito tradicional, em Jeremias 13:5-6, provavelmente se referindo a dupla jornada de Jeremias ao Eufrates. Finalmente, afirma-se que um certo número de características hebraicas pode ser reconhecido, levando a um original hebraico (Gigot, 1907, p. 304).

Os judeus rejeitaram o livro de Baruc por este não estar escrito totalmente em hebraico. O livro tem sua primeira parte em hebraico e a segunda em grego. Para o protestantismo, além de não compor a Bíblia judaica, o livro é apenas uma compilação de textos dos profetas Jeremias, Isaías e Daniel e, também, do livro de Jó e, portanto, não é reconhecido como inspirado por Deus. Os protestantes também questionam a data de escrita do livro, afirmando que foi escrito no período da segunda destruição de Jerusalém, por volta de 70 d.C. Embora o rejeitem, mesmo sem argumentos históricos ou teológicos, os protestantes fazem uso do texto de Baruc, mais especificamente do capítulo seis, para criticar a existência de imagens de santos nos templos católicos.

Durante esse tempo, vocês verão na Babilônia deuses de prata, de ouro e de madeira, que costumam ser carregados nos ombros e provocam temor entre os pagãos. Cuidado para não ficarem vocês também parecendo com esses estrangeiros, nem se deixarem influenciar pelo temor desses deuses (Br 6:4,5).

O trecho acima, retirado do livro de Baruc, refere-se aos deuses da Babilônia, sobre os quais Jeremias adverte o povo judeu para não cultuarem, distanciando-se da fé professada por Israel. O texto nada tem a ver com a criação de imagens de santos usadas nos templos católicos, que afirmam que as usam apenas para se lembrarem, daqueles que foram pessoas importantes na história da igreja, seguindo seus exemplos de obediência e sacrifício. Para o catolicismo, o livro é de grande importância e inspirado por Deus como todos os outros livros do cânone. Baruc foi aceito no cânone durante o Concílio de Trento. Estudiosos como Francis Gigot atestam sua veracidade e inspiração em seus estudos:

O Livro de Baruc foi definido como escrito “sagrado e canônico” no Concílio de Trento, é tão inspirado por Deus como qualquer outro livro da Sagrada Escritura e pode ser demonstrado com um estudo minucioso do Canon Bíblico. Sua edição em Vulgata Latina remonta a desde antes da versão em Latim antigo de São Jerônimo, e é razoavelmente integral a versão em grego do texto. (Gigot, 1907, p. 308).

Gigot admite que o livro tenha caráter compilatório, mas afirma que muitos outros autores do mesmo período eram compiladores, o que não anula a devoção de Baruc, nem sua autoria do livro. Para o catolicismo, o livro é reconhecido como de autoria de Baruc por ter sido assinado por ele em seu título, ter sido reconhecido pelas tradições dos judeus e católicos e por apresentar em seu conteúdo acontecimentos contemporâneos a ele.

## 2.4 O livro da sabedoria

Também chamado de “Sabedoria de Salomão”, o livro da Sabedoria foi o último livro do velho testamento a ser escrito, datado do último século antes de Cristo. Embora, o livro seja atribuído ao próprio Salomão, estudos indicam que seu autor foi um judeu desconhecido de Alexandria. O conteúdo do livro apresenta duas partes, sendo que a primeira é dirigida aos reis e retrata a sabedoria como uma grande virtude concedida pelo próprio Deus aos seus seguidores que, como Salomão, a pedirem com o coração sincero.

Sem malícia, aprendi a sabedoria, e agora a distribuo sem inveja nenhuma. Não vou esconder sua riqueza, <sup>14</sup> porque ela é um tesouro inesgotável para os homens. Aqueles que a adquirem, atraem a amizade de Deus, porque são recomendados pelo dom da instrução dela (Sb 7:13,14).

Para Gigot, essa parte do livro é importante por trazer ensinamentos éticos e de justiça para os que detém o poder e a riqueza, sendo cuidados e generosos com os mais fracos e mais pobres, trazendo também uma visão espiritual a respeito da justiça, colocando-a em contraponto à felicidade momentânea vivida pelos ímpios (pessoas que não praticam a sabedoria e os ensinamentos de Deus).

A seguinte linha de pensamento do autor é a especulativa (caps. I-ix). Dirigindo-se aos reis, o escritor ensina que a impiedade é alheia à Sabedoria e castiga aos tribunais da morte (i), e ele expõe e refuta os argumentos contrários dos ímpios: segundo ele, o estado de espírito dos ímpios é contrário ao destino imortal do homem; sua vida está presente apenas no aspecto mais feliz do que o justo; e seu destino final é uma prova incontestável da loucura de seu percurso (ii-v). (Gigot, 1910).

A segunda parte traz a sabedoria no contexto histórico, exaltando os patriarcas da humanidade como homens que receberam a sabedoria de Deus. O livro também exalta a proteção de Deus ao povo de Israel durante as pragas do Egito e a perseguição do povo pelo exército do faraó, destacando eventos como a abertura do Mar Vermelho.

Apareceu a nuvem, que cobriu de sombra o acampamento, e a terra firme surgiu, onde antes era água. O mar Vermelho se transformou em caminho livre, e as ondas violentas se tornaram planície verdejante. <sup>8</sup> Através dele passou todo o teu povo, protegido por tua mão e contemplando prodígios admiráveis. <sup>9</sup> Como cavalos conduzidos ao pasto e como ovelhas saltitantes, todos cantavam hinos para ti, Senhor, seu libertador (Sb 19:7-9).

O livro da sabedoria é um livro sapiencial, como Provérbios de Salomão, logo, seu texto traz a exaltação da sabedoria como um dom de Deus concedido aos homens que a merecerem. O livro trata a sabedoria na esfera humana, como o dom citado acima, através do qual os homens se aproximam de Deus. O homem que tem sabedoria será íntegro e fiel aos propósitos de Deus, alcançando a vida eterna. Na esfera divina, a Sabedoria é personificada como um ser que emana a glória de Deus e está ao seu lado no trono, sendo parte de seus pensamentos.

Os protestantes rejeitam o livro da Sabedoria por alguns pontos em seu conteúdo, como a ideia de reencarnação encontrada em um trecho do capítulo oito do livro que diz: “Eu era um rapaz vigoroso, dotado de uma alma excelente, ou antes, como era bom, eu vim a um corpo intacto;” (Sb 8:19-20). Um trecho muito usado para rebater a ideia da reencarnação, tanto por protestantes quanto por católicos é o de Hebreus que diz “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9:27). Outro ponto é a salvação pela sabedoria apontada no capítulo nove: “Assim se tornaram direitas as veredas dos que estão na terra; os homens aprenderam as coisas que vos agradam e pela sabedoria foram salvos” (Sb 9:18). Para o protestantismo, esse trecho do livro da Sabedoria contradiz o livro de Romanos que, no capítulo 3, afirma que a salvação provém apenas do sacrifício de Jesus.

Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; [...] Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue [...] (Rm 3:20-25).

Tal qual o livro de Baruc, o texto do livro da Sabedoria, mais especificamente nos capítulos 13, 14 e 15, é bastante usado para fundamentar críticas ao uso de imagens pela igreja católica, já que tais capítulos são uma crítica à idolatria egípcia e às esculturas criadas e adoradas pelo povo do Egito.

Para os católicos, o livro da Sabedoria tem a mesma importância dos livros de Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico. É um texto que conduz os fiéis à aproximação com a figura de Deus por meio da sabedoria e das boas obras, que são virtudes muito valorizadas pelo catolicismo. O livro da Sabedoria foi aceito na Vulgata (340-420 d.C.), sendo novamente reconhecido como canônico no concílio de Trento (1546 d.C.). O livro da Sabedoria foi escrito no idioma grego, sendo este o principal motivo pelo qual os judeus o deixaram de fora da sua bíblia.

## 2.5 Eclesiástico

Semelhantemente ao livro de Provérbios, Eclesiástico é composto por reflexões, o último dos livros sapienciais do antigo testamento da Vulgata. O livro é também conhecido como Livro de Siraque ou Sabedoria de Siraque. O livro traz um prólogo que indica ter sido escrito pelo tradutor grego da literatura hebraica. Esse prólogo pode ser interpretado como uma exaltação à sabedoria e à bondade de Deus.

O conteúdo desse livro é, assim como o livro da Sabedoria, dividido em duas partes, sendo que a primeira traz em seus provérbios a intenção de incentivar o temor a Deus e a obediência aos seus mandamentos. É notável que essa parte do conteúdo de Eclesiástico tem caráter de orientação a respeito de como o homem sábio deve viver e se comportar, tanto no que diz respeito à sua vida espiritual, como material, nas relações familiares, sociais e até comerciais, sempre enfatizando que a sabedoria provém de Deus.

Toda a sabedoria vem do Senhor Deus, ela sempre esteve com ele. Ela existe antes de todos os séculos. A sabedoria foi criada antes de todas as coisas, a inteligência prudente existe antes dos séculos! O verbo de Deus nos céus é fonte de sabedoria, seus caminhos são os mandamentos eternos. \_Somente o Altíssimo, criador onipotente, rei poderoso e infinitamente temível, Deus dominador, sentado no seu trono (Eclo 1: 1, 4-5, 8).

Essa parte do livro lembra claramente o conteúdo dos provérbios de Salomão, considerado o homem mais sábio da humanidade, sendo que sua sabedoria foi considerada concedida pelo próprio Deus. A segunda parte do conteúdo é uma exaltação à sabedoria divina, manifestada na natureza e nas obras de personalidades ilustres do velho testamento, como Enoque.

O livro de Eclesiástico é aceito pelos judeus por seu valor histórico, mas não foi incluído no compendio de livros sagrados do judaísmo, pois, para eles, o autor absorveu parte da cultura grega, não sendo reconhecido como judeu. Para o protestantismo o livro é arbitrário em seu conteúdo, devido a passagens que incentivam, por exemplo, a crueldade com escravos.

O escravo só trabalha quando corrigido, e só aspira ao repouso; afrouxa-lhe a mão, e ele buscará a liberdade. O jugo e a correia fazem dobrar o mais rígido pescoço; o trabalho contínuo torna o escravo dócil. Para o escravo malévolo a tortura e as peias; manda-o para o trabalho para que ele não fique ocioso, pois a ociosidade ensina muita malícia (Eclo 33: 26-29).

Vale lembrar que grande parte do texto do velho testamento traz incentivo a crueldade com povos derrotados em batalhas, escravos e inimigos, a exemplo do texto do livro de Números:

E Moisés disse-lhes: Deixastes viver todas as mulheres? Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, deram ocasião aos filhos de Israel de transgredir contra o Senhor no caso de Peor; por isso houve aquela praga entre a congregação do Senhor. Agora, pois, matai todo o homem entre as crianças, e matai toda a mulher que conheceu algum homem, deitando-se com ele. (Num 31:15-18).

Outro motivo pelo qual os protestantes não aceitam o livro de Eclesiástico é a chamada justificação pelas obras, também contida nos livros de Baruc e Sabedoria, pois o texto incentiva os homens a serem bons com o próximo, dar esmolas, a fim de que Deus olhe por eles na dificuldade. “A água apaga o fogo ardente, a esmola enfrenta o pecado. Deus olha para aquele que pratica a

misericórdia; dele se lembrará no porvir, no dia de sua infelicidade este achará apoio” (Eclo 3:33-34).

Para o protestantismo, as ações não salvam o homem, mas apenas sua fé manifestada na graça de Deus e sua adoração. Para os católicos, o livro do Eclesiástico serve para reafirmar a identidade daquele que segue a Deus, assim como era o propósito de Jesus.

## 2.6 I Macabeus E II Macabeus

Embora seus nomes indiquem, os livros dos Macabeus não são continuação um do outro. Suas histórias são relacionadas, mas distintas. O primeiro livro traz, em seu conteúdo, a história da luta do povo judeu por liberdade religiosa e política, durante o período em que foram dominados pelos Persas e pelos Seleucidas. Este evento é conhecido como o Levante dos Macabeus, devido à liderança da luta ter sido da família conhecida como Macabeus. O nome “Macabeu” não era o sobrenome dos líderes da revolução, mas um apelido que foi atribuído a Judas, filho de Matatias, que assumiu a liderança do levante após à morte de seu pai, e mais tarde a seus irmãos.

Judas, cognominado “Macabeu” (martelo) por sua tenacidade na guerra, era o terceiro filho de Matatias. Seu glorioso cognome passou a ser aplicado indistintamente a seus irmãos e a todos que impugnavam o pacto com os pagãos, como os “sete irmãos Macabeus”, martirizados diante de sua mãe (I Mac. 3, 3-5).

Baseando-se nos estudos modernos a respeito do primeiro livro dos Macabeus, Bechtel afirma que o livro é muito importante para a história do povo judeu.

Os estudiosos modernos de todas as escolas, mesmo as mais extremas, admitem que o livro é um documento histórico do mais alto valor. “No que diz respeito ao valor histórico de I Macabeus”, diz Cornill, (Einl, 3ª ed, 265) “não há senão uma só voz; nele possuímos uma fonte de primeira ordem, um conto absolutamente confiável de uma das épocas mais importantes na história do povo judeu” (Bechtel, 1910).

O livro se assemelha aos outros livros históricos do velho testamento, tanto na simplicidade quanto na poesia do texto. O autor do primeiro livro é desconhecido, havendo apenas especulações a respeito de sua nacionalidade, devido ao conhecimento geográfico expressado no texto e a ausência das palavras “Deus” e “Senhor”, típicas do vocabulário grego, e a existência repetida de “Yahweh” e “Adonai”, típicas do hebraico e aramaico.

O conteúdo do segundo livro traz a história da recuperação do fogo sagrado e a reinauguração do templo dos judeus, após a morte de Antíoco Epifâneo, rei dos Selêucidas. O livro é precedido por cartas de convite aos judeus para a festa de reinauguração do templo, além de manifestações de boa vontade.

Saúde aos nossos irmãos judeus que estão no Egito. Seus irmãos, os judeus residentes em Jerusalém e no país de Judá, auguram-lhes uma paz

venturosa. Deus vos acumule de bens, e que ele se lembre de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó, seus fiéis servidores. Que ele disponha vossa alma à piedade e à observância dos seus mandamentos com um coração generoso e uma fervente submissão! Que ele abra vosso coração à sua lei e aos seus preceitos e que vos estabeleça na paz! Que ele ouça vossas súplicas, vos seja misericordioso e não vos abandone nas provações! Nós daqui rezamos por vós.

Em vésperas de celebrarmos, dia vinte e cinco de Casleu, a purificação do templo, julgamos oportuno certificar-vos disso, a fim de que vós também celebreis a festa da cenopégia e a comemoração do fogo que apareceu quando Neemias ofereceu o sacrifício, após ter reconstruído o templo e o altar (2 Mc 1: 1-6; 18).

II Macabeus pode ser dividido em duas partes, sendo que a primeira conta a tentativa do primeiro-Ministro de Seleuco, Heliodóro, de roubar os tesouros do templo, instigado por um homem chamado Simão. Simão alegava que havia muitas riquezas no templo que não necessárias para os sacrifícios e, por isso, deviam passar para o tesouro real.

Um tal de Simão, porém, da tribo de Belga, e que era administrador do Templo, desentendeu-se com o sumo sacerdote a propósito da administração da cidade. <sup>5</sup> Como não foi capaz de derrotar Onias, ele foi então procurar Apolônio de Tarso que, nessa ocasião, era o comandante da Celessíria e da Fenícia. <sup>6</sup> Contou-lhe que o tesouro do Templo em Jerusalém estava cheio de riquezas, tantas que nem dava para falar, e que a quantidade de dinheiro era incalculável. Disse-lhe também que isso não era necessário para os sacrifícios e poderia muito bem cair em poder do rei (2Mc 3: 4-6).

A segunda parte tem maior relação com o primeiro livro, pois conta a história da rebelião dos Macabeus até a morte do general Nicanor. O autor do segundo livro é, também, desconhecido e acredita-se que era palestino, devido a seu conhecimento geográfico da região.

Embora tenha abrangência de um período menor (176 a 161 a.C.), o segundo livro dos Macabeus é mais rico em detalhes históricos que o primeiro. O objetivo do livro não é apenas narrar a história dos judeus, mas também instruir e edificar o povo na fé judaica. O texto de II Macabeus é carregado de um discurso poético que exalta a fidelidade a Deus e à sua vontade, sendo o povo punido com o cativeiro por se distanciarem da lei divina, até que se arrependam e conquistem o perdão de seus pecados.

Quanto a nós é por causa de nossos pecados que sofremos e se, para nos punir e corrigir, o Deus vivo e Senhor nosso se irou por pouco tempo contra nós, ele há de se reconciliar de novo com seus ervos.

A exemplo de meus irmãos, entrego meu corpo e minha vida em defesa às leis de nossos pais e suplico a Deus que ele não se demore em apiedar-se de seu povo; oxalá tu, em meio aos sofrimentos e provações, reconheças nele o Deus único; enfim, que se detenha em mim e em meus irmãos a cólera do Todo-poderoso que se desencadeou sobre toda a nossa raça (2Mc 7: 32-33; 37-38).

Os dois livros foram transmitidos em grego, o que fez com que não fossem aceitos no cânon judaico, porém acredita-se que o primeiro foi escrito em hebraico, tendo seu original sido perdido. Mesmo não fazendo parte da bíblia judaica, os livros dos Macabeus são muito estimados pelos judeus e servem como documentos de consulta histórica. Os protestantes consideram os livros dos Macabeus heréticos por falarem do culto aos mortos e incentivarem as orações por eles, como encontrado no capítulo 12 de II Macabeus.

Em seguida, fez uma coleta, enviando a Jerusalém cerca de dez mil dracmas, para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados: belo e santo modo de agir, decorrente de sua crença na ressurreição, porque, se ele não julgasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. Mas, se ele acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente, era esse um bom e religioso pensamento; eis por que ele pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres de suas faltas (2Mc 12: 43-46).

Porém, em II Timóteo, no Novo Testamento, Paulo ora por seu amigo Onesíforo, que havia morrido para que Deus conceda misericórdia à sua alma.

O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu (2Tm 1:16-18).

Para os católicos, os livros são de grande importância, pois, além de trazerem rituais adotados pela fé católica, retratam a ressurreição dos mortos, promessa para aqueles que seguem os mandamentos. Além disso, o catolicismo acredita na historicidade dos textos dos Macabeus, tanto como importante parte da história do povo judeu, como parte igualmente importante da história fé professada pelos católicos, fundamentada na fidelidade e na intervenção divina nos momentos de crise.

## **2.7 Outros textos retirados**

Além dos sete livros chamados Deuterocanônicos, foram retirados do velho testamento um trecho do capítulo 3 do livro de Daniel, os capítulos 13 e 14 do mesmo livro e alguns versículos do livro de Ester. Não há estudos sobre esses escritos, a não ser a opinião de alguns protestantes que os definem como heréticos.

O capítulo 13 de Daniel conta a história de Susana, uma jovem que despertou o desejo de dois líderes judeus, mas recusou-se a manter relações com eles, sendo acusada injustamente de adultério. Os dois líderes, que eram juízes, acusaram Susana de manter relações secretas com um jovem em seu jardim e colocaram a si mesmo como testemunhas do delito. Susana foi condenada à morte por adultério, porém Daniel interveio e confrontou os líderes judeus, interrogando-os separadamente. Após entrarem em contradição os dois homens foram condenados à morte e

Susana foi inocentada das acusações. Na septuaginta, tradução aderida pela Igreja Católica, essa parte do livro de Daniel está no início, para mostrar que Daniel já tinha a sabedoria desde muito jovem. Para o protestantismo, esse trecho é uma lenda.

O capítulo 14 conta como Daniel destruiu dois ídolos da Babilônia, expôs ao ridículo os sacerdotes do rei e sobreviveu por seis dias na cova dos leões. O primeiro dos deuses destruído por Daniel era Bel, uma grande estátua feita de barro e de bronze, diante da qual eram dispostos sacrifícios de carneiros, farinha e vinho, que os babilônios acreditavam ser consumidos pelo deus Bel. No entanto, havia passagens secretas no templo, por onde os sacerdotes entravam com suas famílias e banquetavam secretamente, consumindo os supostos sacrifícios. Ao ser questionado pelo rei sobre porque não adorava a Bel, Daniel disse que não adorava a ídolos feitos pela mão do homem, mas apenas ao Deus vivo criador do céu e da terra. Indignado, o rei desafia Daniel a expor a falsidade do ídolo e Daniel o faz espalhando cinzas no templo, sobre as quais os sacerdotes deixaram seus rastros. O rei então manda executar os sacerdotes com suas famílias e autoriza Daniel a destruir a imagem de Bel.

Após destruir Bel, Daniel foi questionado pelo rei a respeito do dragão, pois este não era uma estátua, mas era de fato vivo e, portanto, devia ser reconhecido como um deus e ser adorado. Daniel então preparou bolas com piche, gordura e pelos de animais e fez com que o dragão as comesse, provocando sua morte. Diante disso, um grupo de babilônios se revoltou contra o rei, acusando-o de ter se tornado judeu. Após ameaçarem a vida do rei, os babilônios levaram Daniel à cova dos leões, onde ele sobreviveu por seis dias sendo alimentado pelo profeta Habacuque, transportado da Judéia à Babilônia por um anjo. Depois disso o rei passou a venerar o deus de Daniel. O capítulo 6 do livro de Daniel também relata o profeta sendo jogado na cova dos leões, mas por uma noite, devido a um decreto do rei Dario que obrigava a todos a adorarem os ídolos da Babilônia. Por ter desobedecido a esse decreto, Daniel é atirado na cova dos leões. Por essa razão, os protestantes consideram o capítulo 14 de Daniel uma lenda.

Os trechos retirados do capítulo 3 de Daniel referem-se ao salmo de Azarias, primeiro nome do profeta Abedenego, atirado com Sadraque em Mesaque na fornalha, e ao canto de louvor entoado pelos três jovens, enquanto estavam na fornalha não sendo consumidos pelas chamas.

O livro de Ester, na bíblia protestante, tem apenas dez livros, tendo dezesseis na bíblia católica. Na Septuaginta, esses seis capítulos estão espalhados em versículos por todo o texto do livro de Ester. Os capítulos trazem um texto corrido que se inicia com um sonho do rei Assuero. No sonho, que contado em todo o capítulo 11, o rei tem a visão do povo de Israel passando por grande angústia. Nos capítulos seguintes o rei descobre que um grupo de macedônios liderados por Amã, planeja tomar o trono e escravizar os judeus. Com isso, Assuero ordena a exterminação de todos aqueles que se levantariam contra Israel, incluindo homens mulheres e crianças. O capítulo 16 traz a carta de Assuero ao povo judeu, expondo Amã e alertando às províncias de que todos aqueles que não observarem as suas ordens serão massacrados.

### 3. REFERÊNCIAS NO NOVO TESTAMENTO

É fato que antes do Novo Testamento, os fiéis já seguiam as escrituras sagradas e isso inclui Jesus e os profetas anteriores a eles. Jesus detinha muito conhecimento sobre a lei e sobre a religião de sua época, pois aos 12 anos já mostrava interesse, como é dito no segundo capítulo do Evangelho de Lucas, ele se separa de seus pais e é encontrado após três dias no templo, discutindo a lei com os doutores. João Batista, antes de Jesus, e o apóstolo Paulo, depois dele, também fazem referência aos livros do Antigo Testamento.

O teólogo Joel Peters afirma que o Antigo Testamento é citado cerca de 350 vezes no Novo Testamento. Algumas dessas referências são dos livros Deuterocanônicos e feitas pelo próprio Jesus, de maneira indireta, mas semelhante nas palavras e contextos. Um exemplo é a fala de Jesus em Mateus 6:7: “Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força de palavras.” Essa orientação se assemelha com o texto do livro do Eclesiástico 7:15: “Na companhia dos anciãos, não sejas falador, não multipliques as palavras em tua oração.” Há ainda outras referências dos livros de Eclesiástico, Tobias, Sabedoria e Baruc nos livros de Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos, o que atesta que, não apenas Jesus, mas seus discípulos também tinham conhecimento do conteúdo desses livros e faziam referências a eles.

Peters afirma, ainda, que 86% das citações feitas no novo testamento são da Septuaginta, ou seja, Jesus e seus discípulos tinham acesso aos escritos deuterocanônicos e faziam uso dos textos do cânon hoje aceito pela igreja católica. Livros como Eclesiastes, Abdias e Ester não são citados por Jesus ou seus apóstolos e, ainda assim, fazem parte da bíblia aceita pelos protestantes. Além do mais, é errado dizer que estes livros não foram citados no Novo Testamento e que tal citação deve ser pré-requisito para a canonicidade de um livro bíblico. Algumas fontes dizem que os deuterocanônicos são citados no Novo Testamento, no mínimo, 150 vezes. Acrescido a isto, livros do cânon menor, como *Eclesiastes*, *Abdias* e *Ester* não são citados por Jesus ou seus apóstolos, e nem por isso os protestantes retiraram-nos do seu cânon (Peters, 2007). Obviamente este argumento não serve para determinar a canonicidade de um livro.

Logo, se os livros deuterocanônicos são referenciados no Novo Testamento, pode-se afirmar que não há outra razão para que eles não sejam aceitos pelo protestantismo, a não ser a briga política e ideológica gerada por Lutero na revolução protestante. Ao adotar uma bíblia diferente, Lutero se desvincula totalmente do catolicismo e pode atestar que está criando uma forma renovada de cristianismo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os argumentos do protestantismo para justificar a não aceitação da bíblia que o catolicismo adotou, muito antes do surgimento do que conhecemos como religião evangélica. No entanto, tais argumentos acabam não tendo uma base histórica, a não ser a rejeição dos judeus

que se deu claramente, por questões nacionalistas. O que se entende disso tudo é que, ao longo da história, a bíblia foi editada e modificada, acrescentando-se muitos “tils” e muitos “jotas”, de acordo com a necessidade ideológica de cada líder, o que gera muitas dúvidas a respeito do verdadeiro propósito da religião.

Isso se torna maior no Brasil, pois o surgimento de novas denominações, com novas regras e novas bíblias está cada vez mais acelerado. Se a bíblia não é um livro único, universal e incontestável, se torna algo fácil criar formas de professar a fé cristã, baseando-se apenas em partes convenientes do texto bíblico e rejeitando aquilo que não se encaixa em cada doutrina criada.

Muitos livros foram rejeitados no cânon bíblico, o que gera diversas lacunas no seu texto, sobretudo no Antigo Testamento. Livros como os de Enoque e Melquisedeque trazem textos que tem relação direta com os livros canônicos. No entanto, esses escritos modificam algumas interpretações a respeito da criação do universo, da humanidade e dos outros seres místicos mencionados na bíblia.

Os livros chamados apócrifos acabaram servindo de base para seitas e religiões distintas do cristianismo e do judaísmo em vários lugares do mundo e em diferentes épocas. O espiritismo, por exemplo, utiliza os apócrifos em seus estudos. Parte dos seus textos também servem de base para o satanismo moderno, o luciferianismo e outras doutrinas anticristãs, o que pode ser usado como argumento para limitar o acesso a esses escritos a estudiosos e teólogos, evitando o contato dos leigos. Os livros deuterocanônicos, no entanto, assemelham-se significativamente com os demais livros do Antigo Testamento, o que reafirma a ideia de que sua rejeição se deu apenas por motivos nacionalistas, por parte dos judeus, e ideológicos, no que diz respeito ao protestantismo, que sente a necessidade de fazer oposição ao catolicismo.

Em relação ao cristianismo moderno, vê-se uma manipulação das escrituras para atender a interesses dos líderes das inúmeras denominações e divisões existentes na religião. A Bíblia é usada para fundamentar as mais absurdas doutrinas como a da Prosperidade, que analisada grosso modo, nada mais é que o ato de “comprar” os serviços de Deus com “doações” de altíssimo valor, visando o crescimento individual, sobretudo, na esfera financeira.

Com isso, essa pesquisa, teve a intenção de mostrar que essas adaptações ocorridas ao longo do tempo não passam de estratégias para manter os seguidores sob poder, como ocorria com o judaísmo na época de Jesus, período em que os sacerdotes do templo eram os únicos que detinham o conhecimento das escrituras sagradas e passavam esse conhecimento aos fiéis de acordo com sua ideologia e seus interesses.

Foi necessário o surgimento de um homem revolucionário para que as pessoas tivessem a liberdade de buscar, sozinhas, um encontro com seu deus, sem a dependência da mediação dos sacerdotes. Jesus foi, independentemente da visão mística a seu respeito, um visionário, alguém que buscava dar a seu povo a liberdade sempre buscada pelo povo de Israel de fazer seu culto. Sua luta pela liberdade teve sucesso, pois, após sua morte, seus seguidores se sentiram livres e

viveram, embora a muito custo, essa liberdade. Schweitzer afirma que Jesus viveu por uma ideia e se entregou por essa ideia, por isso, tornou-se um marco na história, mantendo-se vivo enquanto sua ideia estiver viva.

O que se vive atualmente é uma nova revolução. O acesso aos escritos antigos possibilitado pela internet está despertando novos estudiosos, que estão gerando novos estudos, como este, que tem a intenção de abrir os olhos das pessoas para a possibilidade de aprender de forma independente sobre a nossa história desde seu início, seja por meio da visão mística ou puramente histórica. É necessário mudar a visão a respeito dos escritos bíblicos, sejam canônicos ou apócrifos. A existência de parte desses apócrifos em uma das bíblias cristãs é a prova de que não existe uma unanimidade quanto seu valor histórico. Com isso, faz-se necessário que todos sejam tratados como documentos de valor histórico e sejam usados no aprendizado, sobre a vida de Jesus, que deu origem ao cristianismo, e tudo antes dele.

## REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. 2ª. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Chaunu, P. O tempo das reformas (1250-1550): a Reforma protestante. Lugar na História, v. 49-50, Edições 70, 1993.

Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563). Disponível em: <[www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra](http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra)>.

Crossan, J. D. Redescobrimo o Jesus Histórico: Pressuposições e Pretensões do Jesus Seminar. <http://www.reasonablefaith.org>, California, 2007.

Evangelho de Maria Madalena (Século II d. C.). Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Evangelhos%20Apocrifos/Apocrifos/Evangelhos%20Apocrifos.htm>

Farkasfalvy, D. Inspiration & interpretation: a theological introduction to Sacred Scripture. Washington, DC: Catholic University of America Press, 2010, p. 50

Florêncio, R. R.; Santos, C. A. B. Rodas de Fé: Manifestações Religiosas na Região do Submédio São Francisco, Identidade! 25(01), 90-102, 2020.

Foucault, M. A Ordem do Discurso. Parisarti: Éditions Gallimard, 1997.

Gigot, F. "Baruc". The Catholic Encyclopedia. Vol. 2. New York: Robert Appleton Company, 1907.

Gigot, F. Ecclesiasticus. The Catholic Encyclopedia. Vol. 5. New York: Robert Appleton Company, 1909. 17 Aug. 2014 <<http://www.newadvent.org/cathen/05263a.htm>>.

Gigot, F. Livro da Sabedoria. The Catholic Encyclopedia. Vol. 6. New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <<http://www.apologistascatolicos.com.br/index.php/apologetica/deuterocanonicos/740-livro-da-sabedoria>>. Desde: 21/10/2014 Tradução: Adriano Dias.

Lopes, A. N. Porque Não Aceitamos os Evangelhos Apócrifos. Fides Reformata XVII, São Paulo, 2012.

Nova Bíblia Pastoral. Traduzida por Antonio Carlos Frizzo e outros. São Paulo: Paulus, 2014.

Peters, J. Somente a Bíblia? 21 Razões para rejeitar a Sola Escripura. [http://www.pr.gonet.biz/kb\\_read.php?num=2575](http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?num=2575), California, 2007.

Pope, H. "Estudo sobre o Livro de Judite". The Catholic Encyclopedia. Vol. 8. New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <http://apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/deuterocanonicos/721-estudo-sobre-o-livro-de-judite> 29/08/2014. Traduzido por: Rafael Rodrigues.

Rodrigues, R. Refutando Acusações contra o Livro de Tobias. Disponível em: <http://apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/deuterocanonicos/701-refutando-acusacoes-contr-o-livro-deuterocanonico-de-tobias> Desde: 22/06/2014

Schweitzer, A. A Busca do Jesus Histórico. São Paulo: Novo Século, 2003.

Silva, T. X.; Costa, I. O Discurso Religioso: Aspectos da Performatividade, Autoritarismo e Relações de Poder. Linguagem - Estudos e Pesquisas, 15(02), 2011.